

PRETOS-VELHOS: O SAGRADO E O MÁGICO NA ENCRUZILHADA DAS RELIGIÕES.

Lívia Lima Rezende *

Resumo: Tendo como base os conceitos de práticas, representações e apropriação de Roger Chartier; e memórias coletivas de Maurice Halbwachs, propõe-se uma análise das formas como a figura umbandista dos pretos-velhos é apropriada atualmente. O estudo, pautado pela metodologia da história oral, permitiu analisar as formas como a experiência de se consultar e conviver regularmente com os pretos-velhos influencia na construção das perspectivas, valores e expectativas desses consulentes, através da reelaboração da memória da escravidão negra no Brasil. Foi possível notar, sobretudo, a forma como são apropriados os trânsitos religiosos nessa figura do escravo sacralizado.

Palavras-chaves: umbanda, representação, pretos-velhos, história oral, memória.

OLD-BLACKS: SACRED AND MAGIC AT THE CROSSROADS OF RELIGIONS.

Abstract: Based on Roger Chartier concepts of practices, representations and appropriation, and collective memory by Maurice Halbwachs, we propose to analyze how the umbandist character of the old-blacks are appropriated nowadays. Oral history methodology allowed us to study how the experience of consulting and visiting regularly the old-blacks influences the constructions of perspectives, values and expectations of these consultants, through the recreation of black slavery memory in Brazil. It was possible

* Doutoranda na Universidade Federal de Juiz de Fora, Programa de Pós-Graduação em História. Orientador: Prof. Dr. Robert Daibert. Entidade financiadora: Universidade Federal de Juiz de Fora. Email para contato: livialimar@gmail.com.

to analyze, above all, how the religious dialogues are interpreted through this sacralized slave.

Keywords: umbanda, representation, pretos-velhos, memory.

No caminho para Deus posso juntar muita coisa.

Roberto da Matta, antropólogo.

Enxergando os mortos com os ouvidos

Foi meu primeiro contato mesmo com o ancestral ali incorporado¹.
Trazer essa memória do preto-velho é trazer um pouco da própria história em si².

Escutar os mortos com os olhos é o título de um artigo de Roger Chartier publicado em 2010. O autor aborda as questões relacionadas às representações e apropriações relativas às produções e interpretações de textos escritos. Ao comparar as ciências exatas com a literatura e as humanidades, ele menciona que nestas o passado permanece sempre presente, vivo, inspirando novas criações e desprendendo-se das mesmas. Sendo assim, abrir-se-ia a possibilidade de, com a leitura de um livro, por exemplo, escutar o que os mortos teriam a dizer, gerando novas interpretações e mantendo-os, dessa forma, vivos. Apropriamo-nos desta frase, invertendo-a, porém, com o intuito de adequá-la um pouco mais aos resultados da pesquisa aqui apresentados. Propomos aqui *enxergar* os pretos-velhos³ – entidades presentes nos terreiros de umbanda e em outras religiões afro-brasileiras – como um livro, algo a ser lido, decifrado, interpretado pelos consulentes desses cultos, abrindo espaço para um amplo estudo de sua *apropriação* por um grupo

¹ Entrevista concedida por Zilvan Lima em 28 de setembro de 2016.

² Entrevista concedida por Simone de Assis em 27 de setembro de 2016.

³ Os pretos-velhos são espíritos de escravos africanos – por origem ou ancestralidade – que viveram e faleceram no Brasil durante o período escravista. Eles retornariam enquanto espíritos com o intuito de auxiliar aquelas pessoas que os procuram para se consultar acerca dos problemas mais variados: saúde, emprego, família, etc. Atualmente, essas entidades podem ser encontradas em diversas religiões, como a umbanda, a jurema sagrada, o kardecismo, o *omolokô*, a barquinha, dentre outras.

determinado. Esse processo foi analisado através da *escuta*⁴, de longas conversas com os leitores dos pretos-velhos, pessoas que se consultaram com frequência ou esporadicamente com eles. Essas entrevistas abriram caminho para uma reflexão bastante interessante da contemporaneidade, demonstrando como essa figura do escravo, representação de um personagem histórico sacralizado influencia na construção dos valores, perspectivas e expectativas de um grupo de pessoas que crê e confia nos pretos-velhos.

No Brasil essas entidades estão presentes em relatos que antecedem o princípio do século XX (período em que supostamente teriam sido constituídos os primeiros terreiros de umbanda).⁵ Em termos gerais pode-se afirmar que, independente da crença, os pretos-velhos são espíritos de escravos africanos (por origem ou ancestralidade), falecidos com idade avançada e em diferentes momentos do passado, que retornam e se comunicam/expressam através de médiuns/cavalos -pessoas que possuem a faculdade de incorporarem esses espíritos-, permitindo que eles se movam, gesticulem, falem e ajam por meio de seus corpos.

Para além das duas características mais óbvias de sua caracterização, derivadas diretamente da alcunha que recebem: *preto* (associado à cor de sua pele) e *velho* (denotando uma condição associada ao tempo de vida), essas entidades comungam, ademais, de alguns atributos psicológicos. Extrapolando esse aspecto mais físico, os pretos-velhos são usualmente associados a valores como a paciência, a humildade e a

⁴A principal metodologia da pesquisa apresentada neste artigo é a história oral. Foram realizadas visitas regulares a dois terreiros de umbanda em São João del-Rei, Minas Gerais, entre os anos de 2014 e 2016. Nesse período, sobretudo no ano de 2016, foram feitas, também, as entrevistas com alguns frequentadores desses locais, bem como com as mães-de-santo responsáveis. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisas com seres humanos sob o número CAAE 54422916.9.0000.5151. (REZENDE, Livia Lima. *Força africana, força divina: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos-velhos*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-graduação em História. São João del-Rei, 2017).

⁵ Conforme compilado em REZENDE (REZENDE, Livia Lima. *Força africana, força divina: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos-velhos*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-graduação em História. São João del-Rei, 2017), há relatos, por exemplo, de incorporações de espíritos bastante semelhantes aos pretos-velhos em reportagens de jornais, como no Diário da Noite de 9 de dezembro de 1930 (*apud* GIUMBELLI, Emerson. “Macumba surrealista”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 28, nº 55, p.87-107, jan.-jun. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0087.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.); e nas obras de RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro: ethographia religiosa e psychanalyse*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934; e CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro: depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil*. Rio de Janeiro: Agir, 1951.

sabedoria. Independentemente da religião, os médiuns que recebem os pretos-velhos se portam de modo semelhante:

Quando eles descem o neófito se curva, retorcendo-se como o de um velho esmagado pelo peso dos anos [...]. Falam com uma voz rouca, mas suave, cheia de afeição, o que transmite uma sensação de segurança e familiaridade àqueles que vem consultá-los.⁶

Grandes conhecedores de ervas, normalmente fazem uso de arruda, guiné e outras nas instruções de chás e banhos passadas aos consulentes. Rosário, cajado e cachimbo são alguns dos instrumentos de que fazem uso durante as conversas e trabalhos que realizam. Também é interessante notar os diálogos que podem ser estabelecidos entre eles e algumas figuras do folclore brasileiro, como o Pai João e a Mãe Maria dos contos populares⁷. Uma breve revisão acerca das diferentes abordagens dos pretos-velhos lança luz sobre um personagem que “encarna” (literal e figurativamente) uma memória escravista, corporificando e sacralizando -no presente- a figura do escravo.

A despeito de serem usualmente associados aos terreiros de umbanda, os pretos-velhos ultrapassam as fronteiras desta religião e são representativos da “porosidade” que caracterizaria o campo religiosos afro-brasileiro na acepção de Pierre Sanchis.⁸ A circularidade desse personagem demonstra, de certa forma, o que o autor chama de “contaminação mútua”.⁹ Em São João del-Rei, cidade mineira onde se desenvolveu a pesquisa aqui apresentada, foi possível encontrá-los em locais de culto de umbanda, quimbanda, magia negra, jurema sagrada, kardecismo, *omolokô*, além dos atendimentos

⁶ ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 73.

⁷ Especificamente sobre essas figuras do folclore, encontram-se menções nos estudos de BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. São Paulo: Pioneira, 1985; além do artigo de ABREU, Martha. “Outras histórias de Pai João: conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950”. **Afro-Ásia**, Salvador, nº 31, 2004, p. 235-276. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_11_outras.PDF>. Acesso em: 22 jun. 2016.

⁸ SANCHIS, Pierre. “Cultura brasileira e religião... Passado e atualidade...” **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 19, nº 2, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11858>>. Acesso em 30 ago. 2016.

⁹ Souza desenvolveu uma pesquisa interessantíssima acerca da sacralização dessa figura do escravo enquanto “preto-velho” em diversas religiões: umbanda, candomblé, barquinha, kardecismo, grupos de estudo espiritualista, e no rito da arca da montanha azul. SOUZA, Mônica Dias de. **Pretos-velhos: oráculos, crença e magia entre os cariocas**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

realizados com essas entidades nos próprios lares dos médiuns. Optou-se, para o desenvolvimento deste estudo, pela realização das entrevistas com os frequentadores de dois terreiros de umbanda que tivessem ao menos um preto-velho entre suas entidades mais procuradas. Essa escolha decorreu, além de uma maior afinidade com as casas umbandistas, da facilidade de trânsito e maior conhecimento acerca dessa religião.

Previamente à análise mais aprofundada das entrevistas realizadas, cabem algumas considerações a respeito delas. Os terreiros escolhidos, ambos em São João del-Rei, Minas Gerais, foram: a Associação Afro-Brasileira Casa do Tesouro, onde são realizados rituais de candomblé, umbanda e jurema sagrada; e a Tenda Pai José do Congo, local onde acontecem giras de umbanda e quimbanda. As conversas ocorreram entre os meses de junho e novembro de 2016, a maioria nos próprios terreiros. Todas as pessoas entrevistadas já nos conheciam previamente, uma vez que começamos a frequentar as giras e festas no ano de 2014.

É essencial mencionar a tangibilidade da percepção de veracidade na figura dos pretos-velhos nesses locais. Chartier já afirmava que as representações vão muito além de simples imagens (verídicas ou não), “elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é”¹⁰. Essa representação do preto-velho, passível de “leitura” por uma comunidade específica, cumpre uma espécie de função social. É ele, o preto-velho, um dos responsáveis por manter viva uma memória da escravidão (com seus sofrimentos, sua resistência e sua superação) e, concomitantemente, por auxiliar no sobrepajamento das dores daqueles que o procuram. Para os consulentes não restam dúvidas acerca da autenticidade do fenômeno da incorporação, legitimando, de certa forma, a representação. Não cabe a nós validar ou refutar este fato, bastando que o grupo estudado acredite que ele realmente ocorre.

Outro elemento que deve ser citado é a emoção de muitos entrevistados ao tratar de suas memórias relacionadas aos pretos-velhos. Alguns deles chegaram a chorar e interromper suas narrativas para se restabelecer. Além de nostálgico, o tema parece envolver questões muito profundas. Halbwachs¹¹ já havia reforçado a imperatividade dos

¹⁰ CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 24, n.º. 69, p. 7-30, mai.-ago. 2010, p. 26.

¹¹ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

contextos sociais para a reelaboração do que denominamos como *memórias*. É importante atentar para os contextos sociais tanto no momento de ocorrência dos fatos lembrados (quando, por exemplo, teria acontecido a salvação da vida da filha da entrevistada, ainda durante a gravidez), quanto do tempo presente (em que, novamente, a saúde da filha é restaurada pelo preto-velho, na semana em que realizávamos a entrevista¹²).

Por fim, cabe aludir àquilo que Chartier denomina a “modalidade da leitura”¹³ ou a forma como o texto é apresentado. No caso dos pretos-velhos, trata-se de um texto oral, teoricamente não elaborado de maneira prévia, popular, em muitos casos público (mesmo as consultas particulares acabem sendo ouvidas por *camponos*¹⁴ e por outras pessoas que estejam próximas ao médium) e expresso em linguagem simples, pouco rebuscada e bastante específica (com terminologia e sotaques próprios e estrutura gramatical informal).

Isso posto, partimos para a apresentação de alguns dos resultados das entrevistas. Elas foram realizadas entre os meses de junho e novembro de 2016, em locais variados. Todas as pessoas entrevistadas já nos conheciam previamente, das giras¹⁵ e festas dos terreiros. Conforme mencionado anteriormente, almejamos analisar as memórias reelaboradas por essas pessoas, bem como a forma como o “texto” preto-velho foi apropriado, buscando algumas regularidades nas percepções apresentadas, sem ignorar as especificidades de cada relato. Afinal de contas, como disse Humberto Eco: “um texto sempre pode ter mais de uma interpretação, toda obra é aberta”, “mas não escancarada”¹⁶ ressalvaria Haroldo Campos¹⁷.

¹² Referente aos casos relatados por Luciana Fonseca em 4 de outubro de 2016.

¹³ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

¹⁴ *Cambono* é o termo usualmente empregado nos terreiros umbandistas para designar aquela pessoa que auxilia o médium durante o processo de incorporação. É ele quem transcreve alguma receita passada pelo espírito, busca materiais como velas ou incensos, facilita o entendimento do consulente quando este não compreende alguma fala, etc.

¹⁵ *Gira* é o termo normalmente usado para se referir ao ritual básico da umbanda, durante o qual há a incorporação dos espíritos para realização de consultas.

¹⁶ *Apud* NETO, Pasquale Cipro. ‘É uma suruba isso aqui’. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2016. Colunistas. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/02/1743066-e-uma-suruba-isso-aqui.shtml>>. Acesso em 2 dez. 2016.

¹⁷ Comentário equivalente na historiografia pode ser encontrado em Chartier (1998, 77): “Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade leitora não é jamais absoluta”. CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: UNESP, 1998.

Perfil dos entrevistados

Conforme mencionado por Chartier¹⁸, estudos acerca dos processos de apropriação devem levar em conta o perfil dos leitores. As informações pessoais solicitadas aos entrevistados foram: nome, idade, escolaridade, profissão, religião e cor. Sendo assim, resumimos abaixo algumas dessas características que julgamos relevantes para a pesquisa.

Previamente, porém, cabe mencionar que a seleção das pessoas entrevistadas foi feita a partir de alguns critérios gerais. O principal elemento considerado foi a frequência dessas pessoas nos dois terreiros pesquisados: a Associação Afro-Brasileira Casa do Tesouro e a Tenda Pai José do Congo. As duas mães-de-santo, Celina Batalha e Leila Rodrigues, foram, obviamente, as primeiras a serem incluídas no grupo, sendo que suas vozes também serão analisadas. Em se tratando dos consulentes, optou-se por conversar com alguns filhos-da-casa e alguns frequentadores esporádicos. No caso específico da Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro, a maior parte dos entrevistados é filho-da-casa, uma vez que a quase ausência de giras de umbanda¹⁹ em 2016 dificultou o contato com frequentadores esporádicos. Mesmo nas mesas rasteiras de jurema sagrada, a maior parte dos presentes era da própria casa. De um total de doze pessoas entrevistadas, tem-se exatamente seis de cada terreiro. Não houve nenhum caso de consulente que frequentasse ambos os terreiros pesquisados.

Quadro 1 - Relação dos entrevistados

Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro		Tenda Pai José do Congo	
Celina Batalha	Mãe-de-santo	Leila Rodrigues	Mãe-de-santo
Soraia Santos	Filha-da-casa	Marilaine Rodrigues	Filha-da-casa
Zilvan Lima	Filho-da-casa	Neide Neves	Filha-da-casa
Marilene Pereira	Filha-da-casa	Rosilene das Chagas	Consulente
Gabriel Rufo	Filho-da-casa	Luciana Fonseca	Consulente

¹⁸ CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

¹⁹ Durante todo o ano de 2016 houve uma redução na frequência de realização dos rituais de umbanda, que foram sendo gradualmente substituídos pelas chamadas mesas rasteiras de jurema sagrada. Nessas também há a incorporação de pretos-velhos.

Simone de Assis

Consulente

Eliana Trindade

Consulente

Fonte: Dados da pesquisa.

É inevitável notar a predominância de mulheres entre os entrevistados. O critério de gênero não figurou entre os determinantes para participar da pesquisa, sendo que essa primazia feminina só foi de fato percebida no momento da análise. Na prática, em ambos os terreiros o número de filhas-da-casa supera o de filhos (ao menos na rotina diária e nas giras e festas²⁰). Ademais, considerando que um dos fatores cruciais para a seleção dos entrevistados foi a afinidade, as mulheres acabaram se mostrando mais abertas e receptivas com a proposta de participar das conversas. Apresentamos a seguir um quadro geral com as informações referentes a cada entrevistado, agrupando-os de acordo com o terreiro.

Quadro 2 – Resumo das informações referentes aos entrevistados vinculados ao terreiro Associação Afro-Brasileira Casa do Tesouro

Nome	Idade	Local de nascimento	Escolaridade	Profissão	Cor	Religião
Celina Batalha	66	Rio de Janeiro – RJ	Pós-graduação	Professora aposentada	Branca	Candomblé, umbanda e jurema sagrada
Soraia Santos	38	São João del-Rei - MG	Médio (completo)	Cuidadora de idosos	Negra	Candomblecista
Zilvan Lima	27	São João del-Rei - MG	Superior (em andamento)	Estudante	Negro	“Culto aos ancestrais”
Marilene Pereira	46	Vitorino Freitas - MA	Fundamental (incompleto)	Do lar	Parda	Candomblecista
Gabriel Rufo	34	São Paulo – SP	Superior (em andamento)	Do lar	Branco	Candomblecista
Simone de Assis	28	Cambuquira - MG	Superior (em andamento)	Estudante	Negra	“Panteão brasileiro”

Fonte: Dados da pesquisa.

²⁰ Ressalta-se que em ambos os locais há filhos-da-casa que não residem em São João del-Rei e por isso não estão presentes na rotina dos terreiros. Além disso, alguns dos filhos-de-santo – sobretudo da mãe Leila – já possuem seus próprios terreiros ou participam das atividades também em outros locais.

Quadro 3 – Resumo das informações referentes aos entrevistados vinculados à Tenda Pai José do Congo

Nome	Idade	Local de nascimento	Escolaridade	Profissão	Cor	Religião
Leila Rodrigues	70	São João del-Rei - MG	Fundamental (incompleto)	Do lar	Negra	Católica
Marilaine Rodrigues	42	São João del-Rei - MG	Superior (em andamento)	Do lar e estudante	Negra	Católica e espírita
Neide Neves	47	São João del-Rei - MG	Superior (completo)	Engenheira	Parda	Espírita
Rosilene das Chagas	58	São João del-Rei - MG	Fundamental (incompleto)	Doméstica	Parda	Espírita e católica
Luciana Fonseca	34	São João del-Rei - MG	Fundamental (incompleto)	Doméstica	Parda	Católica
Eliana Trindade	50	São João del-Rei - MG	Fundamental (completo)	Do lar	Negra	Umbanda e católica

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme é possível perceber, a maior parte dos entrevistados tinha até 59 anos no momento das conversas. As duas únicas pessoas com idade superior a essa faixa etária são as mães-de-santo. No que diz respeito ao local de nascimento, a maioria do grupo é natural de São João del-Rei, Minas Gerais. As exceções foram uma pessoa de Cambuquira (MG); uma do Rio de Janeiro (RJ), uma de São Paulo (SP) e uma de Vitorino Freitas (MA). Salienta-se que todos vivem, atualmente, em São João del-Rei ou em cidades vizinhas (Prados e Tiradentes).

Em termos de escolaridade, exatamente metade dos entrevistados possui ao menos o nível superior em andamento, enquanto a outra metade cursou, no máximo, o ensino médio. No primeiro grupo, destacam-se os cursos ligados à área de humanas: artes aplicadas (Gabriel Rufo), dança (mãe Celina Batalha), teatro (Zilvan Lima), história (Simone de Assis) e direito (Marilaine Rodrigues). Somente uma pessoa é da área de exatas: engenharia (Neide Neves). Cabe ressaltar que na Associação Afro-Brasileira Casa do Tesouro, liderada por mãe Celina, das seis pessoas com quem conversamos, quatro

estão cursando ou já concluíram o ensino superior (inclusive a mãe-de-santo). Já na Tenda Pai José do Congo, há somente duas pessoas nessa situação.

No que tange à profissão, há uma predominância das atividades ligadas ao serviço doméstico. Quatro mulheres se apresentaram como “do lar” (uma delas também está estudando – graduação em direito), mas todas fazem questão de ressaltar as diversas atividades que exercem (seja em relação à própria religião ou à participação em associações de bairro e grupos dedicados à produção de alimentos, por exemplo). Duas são domésticas, trabalhando na casa de outras pessoas. Dessas seis mulheres, cinco são justamente as que estudaram no máximo até o ensino fundamental. A sexta é a que iniciou recentemente o curso superior em direito. Com exceção de uma (Marilene Pereira), todas as entrevistadas que se identificaram como domésticas ou do lar estão vinculadas ao terreiro da mãe Leila (inclusive a mãe-de-santo).

Em termos de cor, a metade dos entrevistados se define como negra, dois como brancos e o restante como pardo.

O último questionamento realizado foi a respeito da religião. Nesse caso específico, as respostas foram extremamente variadas e complexas. Quase todas as pessoas desviaram o olhar e começaram a rir ao serem questionadas sobre esse ponto. Quiçá o elemento mais interessante que emergiu das respostas foi o fato de uma única pessoa, Eliana Trindade, ter se reconhecido como umbandista, ainda que com uma pequena ressalva: “Eu falo assim, que eu sou da umbanda, mas a umbanda ela é, assim, ela pertence à religião católica, né?”²¹

Os outros entrevistados transitaram entre “espíritas”, “católicos”, “católicos e espíritas”, “candomblecistas” (sobretudo os filhos-de-santo da mãe Celina). As respostas são sintomáticas do múltiplo pertencimento de Pierre Sanchis²².

Durante as entrevistas, adotou-se uma estratégia sugerida por Sanchis acerca da forma usada para se questionar a religião dos participantes da pesquisa. Tal como recomendado pelo autor, os consulentes foram inquiridos, num primeiro momento, sobre

²¹ Entrevista concedida por Eliana Trindade em 10 de novembro de 2016.

²² MAGALHÃES, Thamiris. Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, nº 400, ano XII, 27 ago. 2012. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4586&secao=400>. Acesso em: 30 ago. 2016.

qual seria sua religião. Após responderem, foram perguntados se desejavam mencionar uma segunda religião. A resposta foi, na totalidade dos casos, negativa, uma vez que a maior parte dos que vivenciavam esse múltiplo pertencimento já apresentava todas as religiões a que se sentia vinculada imediatamente.

Além disso, é importante ressaltar que, posteriormente, os entrevistados foram solicitados a relatar o que significava a umbanda em suas vidas. Interessante notar que independentemente da religião outrora mencionada, as respostas a essa questão foram profundamente pessoais e emocionadas. A maior parte deles reserva à umbanda uma posição de relevância extrema em suas vidas. Percebe-se claramente que ela extrapola os limites “religiosos”, perpassando todos os âmbitos da vida dos entrevistados.

Eliana Trindade frequenta terreiros de umbanda há mais de trinta anos por influência de familiares. Como a única pessoa a se declarar umbandista, ela salienta de maneira apaixonada o fundamento da caridade inerente aos terreiros dos quais participa (no momento da entrevista, além da Tenda Pai José do Congo, Eliana era filha-de-santo da Choupana do Chico Baiano, no bairro das Águas Gerais, em São João del-Rei).

A minha vida é a umbanda [...] Eu vou te falar uma coisa, eu sou apaixonada pela umbanda, e vivo de umbanda. [...] Lá [*Tenda Pai José do Congo*] é a minha segunda casa. Eu vi os filhos dela [*da mãe Leila*] crescerem, eu vi os netos dela crescerem, eu vi os bisnetos dela crescerem! Então eu me sinto em casa, da família mesmo.²³

Luciana Fonseca, a despeito de se apresentar como católica, deposita enorme confiança na umbanda e sempre se emociona narrando os diversos casos de soluções alcançadas através de suas entidades.

A umbanda pra mim é tudo, né? Porque eu não conhecia. Minha família a maioria da minha família é evangélica, inclusive eu também já fui, de frequentar. Então hoje eu vejo que a umbanda resolve muita coisa mesmo, assim, pra gente, eu acho muito bom. Um lugar que eu tenho paz. [...] Se não fosse o Pai José, na verdade, era pra eu com a Luara [*filha mais nova de Luciana*] termos morrido no parto.²⁴

²³ Entrevista concedida por Eliana Trindade em 10 de novembro de 2016.

²⁴ Entrevista concedida por Luciana Fonseca em 4 de outubro de 2016.

Simone de Assis, seguidora de diversas religiões do “panteão brasileiro”, que englobaria, segundo sua fala, o catolicismo, o espiritismo, a umbanda e o candomblé, também aborda a relevância da umbanda em sua vida. É importante salientar que ela tem o costume de visitar diversos terreiros de umbanda, sem ter sido formalmente iniciada em nenhum deles até o momento da entrevista. “Então acho que é o tipo de religião que vai abraçar toda pessoa, sem nenhum juízo de valor, e num sentido de ajudar essa pessoa a crescer na vida, de melhorar, então acho que é a religião que eu me apego assim.”²⁵

De maneira geral, as falas transcritas e a ocultação da umbanda nas respostas dos entrevistados ao serem inquiridos acerca de sua devoção religiosa vão ao encontro do que é apresentado por Reginaldo Prandi.²⁶ Muitas pessoas que frequentam os terreiros se apresentam como católicas ou espíritas. Segundo Prandi, as razões para esse fato podem variar, indo desde uma maneira de se proteger frente à perseguição religiosa que ainda existe contra as religiões afro-brasileiras até a crença, na prática, em mais de uma religião. Considerando que não é este o objeto da pesquisa aqui apresentada, não nos debruçamos com muito afincado sobre essa questão durante as entrevistas, mas ousamos inferir que o múltiplo pertencimento seja a melhor justificativa, seguido por uma percepção de que espiritismo e umbanda se confundem como uma mesma religião, ao menos no caso dos entrevistados aqui apresentados.

Tendo como base essas informações, parte-se, então, para uma análise mais aprofundada das entrevistas: algumas das falas, das reações e das sensações que afluíram durante as mesmas, sobretudo no que diz respeito aos diálogos religiosos estabelecidos a partir das “leituras” realizadas dos pretos-velhos.

Catolicismo e diálogos religiosos

²⁵ Entrevista concedida por Simone de Assis em 27 de setembro de 2016.

²⁶ PRANDI, Reginaldo. Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: BACELAR, Jeferson et CAROSO, Carlos (Org.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira: Religiosidade, Sincretismo, Anti-Sincretismo, Reafricanização, Práticas Terapêuticas, Etnobotânica e Comida.** Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

A despeito de se apresentarem em terreiros de umbanda e jurema sagrada²⁷, a associação dos pretos-velhos com o catolicismo é realizada praticamente por todos os entrevistados. Salientam-se o uso do terço e a menção aos santos católicos, conforme falas de Neide Neves e Gabriel Rufo.

Aí tudo que pede [*o preto-velho pede*] pra fazer é assim, você vai numa igreja, você coloca uma vela pro santo não sei o que...²⁸

Que a maioria dos pretos-velhos são devotos de Nossa Senhora, são devotos de São Benedito, de Santo Antônio.²⁹

Essa aproximação entre os pretos-velhos e o catolicismo gera reações controversas nos entrevistados. Há alguns (a maioria) que não demonstram qualquer problema com esse diálogo, enxergando-o de maneira totalmente natural e, até mesmo, como uma forma perspicaz de resistência. Outros já se mostram um pouco mais incomodados. Nesse caso, é como se ao se acercar do catolicismo ocorresse automaticamente um distanciamento das raízes africanas das entidades. De certa forma, esse entendimento reforça uma busca por maior pureza nas tradições religiosas (como se essa fosse, de fato, possível). Zilvan Lima e mãe Celina abordam esse tema.

Engraçado eu até tava conversando com um amigo meu ali na porta, que ele disse que tava muito incomodado quando vê na umbanda símbolo católico, tipo rosário... E aí o nego-velho pede pra rezar um Pai-Nosso e tal. Quando eu imagino os negros escravizados, vindos da África ou então já nascidos aqui no Brasil e se deparando com isso, como que ele vê, e o quanto que foi importante estabelecer um diálogo, ter uma relação com esses símbolos, pra sobreviver. Então eu não acho que o nego-velho é submisso porque ele reza um terço. Quer dizer que o cara foi forte o bastante pra manter a fé dele ali nos ancestrais dele, se apropriando de coisa de outra religião...³⁰

Eles trazem mais o simbólico católico do que o da matriz africana. Onde é que tá o símbolo da matriz africana? Eu não vejo. Eu vejo o rosário, eu vejo o crucifixo, eu vejo Jesus Cristo, apesar dele falar em Oxalá. Mas você não vê um búzio, não tem búzio, não tem...³¹

²⁷ Nos casos estudados para a realização desta pesquisa. O trânsito dos pretos-velhos é intenso pelas mais diversas religiões. Para mais informações SOUZA (2006).

²⁸ Entrevista concedida por Neide Neves em 14 de outubro de 2016.

²⁹ Entrevista concedida por Gabriel Rufo em 15 de setembro de 2016.

³⁰ Entrevista concedida por Zilvan Lima em 28 de setembro de 2016.

³¹ Entrevista concedida por Celina Batalha em 2 de junho de 2016.

Nesse segundo caso, cabe questionar esse entendimento de África: que África não é vista ou percebida nos pretos-velhos? Seria uma África com raízes mais nos costumes iorubás e no candomblé? Atrevemo-nos a sugerir que a memória coletiva constantemente reelaborada a respeito do continente, especialmente após a intensificação dos movimentos de afirmação das culturas negras a partir da década de 1990, sempre reforçou as tradições associadas aos povos iorubás. Os *bantu* acabaram sendo menos valorizados, embora nos tenham influenciado nos mais diversos aspectos da vida.

De qualquer forma, é interessante inquirir, ademais, que catolicismo é esse dos pretos-velhos. Simone de Assis menciona que seus avós seriam de origem católica, mas que não saberia definir qual o catolicismo ao certo³², deixando transparecer que, na verdade, o catolicismo e, conseqüentemente, as apropriações que são feitas da religião são múltiplas. Não há como estabelecer fronteiras de significação nesses casos, a despeito das tentativas de se impor esses limites. Dita impossibilidade também estaria expressa na figura dos benzedores: aquelas pessoas que são reconhecidas por sua capacidade de realizar curas de males do corpo e da alma através de rezas e dos mais variados instrumentos (ervas, banhos, chás...), sem qualquer cobrança financeira. A prática do benzimento estaria associada a uma mescla dos saberes populares de povos de distintas origens, desde costumes indígenas até elementos católicos e kardecistas, passando pelos saberes africanos. Cabe ressaltar que “a postura de ajuda adotado pelos benzedores cria um universo de abnegação e simplicidade que os tornam legítimos em seu ofício perante a sociedade, que lhes depositam confiança, fé e confidências”.³³ A idade avançada também reforça a credibilidade: benzedores mais velhos são, usualmente, associados a mais experiência no ofício e maior domínio sobre o mesmo.³⁴

A aproximação entre os benzedores e os pretos-velhos talvez esteja relacionada ao que Halbwachs³⁵ denomina a “lógica da percepção”, que consistiria basicamente na tendência de se estabelecer combinações, paralelismos entre as noções que chegam do

³² Entrevista concedida por Simone de Assis em 27 de setembro de 2016.

³³ SILVA, Juliani Borchardt. **Benzimentos**: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões / RS. Santo Ângelo: Furi, 2014, p. 28-29.

³⁴ Juliani Silva estuda os benzimentos em São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul. A prática, contudo, é muito difundida em todo território nacional, com particularidades em cada região. SILVA, Juliani Borchardt. **Benzimentos**: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões / RS. Santo Ângelo: Furi, 2014

³⁵ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

mundo exterior. Essa lógica derivaria, segundo o autor, da ordem introduzida por um grupo em suas representações de mundo. Sendo assim, essas duas figuras socialmente conhecidas, acabam sendo acercadas.

Esses diálogos entre religiões também geram interpretações bastante interessantes relatadas pelos entrevistados. A primeira delas foi desenvolvida após o seguinte comentário, proferido por Marilaine Rodrigues: “Que eles pregam muito assim, a paz, a religião deles [dos pretos-velhos], eles assim, são firmes mesmo na religião deles.”³⁶

Após o questionamento de qual seria essa “religião deles”, a resposta da entrevistada foi:

A deles é uma mistura, porque assim, o espiritismo ele envolve muita coisa, né? [...] Então assim, primeiramente a Deus, porque eles sabem que eles estão ali porque eles são instrumentos de Deus, que eles estão ali num propósito, de passar a paz, de curar, de fazer, então eu vejo como a religião deles, assim, eles o principal centro da religião deles. Eles católicos, perante assim, abaixo de Deus, eles vêm como instrumento de Deus, então assim, eles são católicos, mas eles sabem que o catolicismo deles é o espiritismo. Pregado na maneira deles. [...] Porque eles são o principal instrumento disso, foi através deles que eles começaram a passar isso pros outros, porque os escravos trouxeram isso, povos antigos trouxeram isso, [...] os mais velhos eram que passavam pra pessoa que ensina, então eles que passam o dom, eles firmam a cabeça, tanto é que eu tava te falando que os outros mensageiros respeitam eles por isso.³⁷

Note-se que novamente a umbanda desaparece. Seria esse catolicismo dos pretos-velhos uma espécie de versão moderna do catolicismo africano mencionado por Marina de Melo Souza³⁸? Quiçá seja possível inferir que no caso dessa interpretação pelo menos, a questão é bem mais profunda. Posto da forma como transcrito acima, o preto-velho alcança um patamar de importância que ultrapassa a própria religião, seja ela o catolicismo, o espiritismo ou a umbanda. A religião, qualquer que seja, é *deles*, pregada na maneira que *eles* definem, e *eles* se constituem como alicerce dessa religião, estando abaixo somente de Deus.

Essa análise acaba sendo corroborada na fala de outra entrevistada, Rosilene das Chagas que, pela forma como se expressa, parece tratar os pretos-velhos e São Benedito

³⁶ Entrevista concedida por Marilaine Rodrigues em 30 de setembro de 2016.

³⁷ Entrevista concedida por Marilaine Rodrigues em 30 de setembro de 2016.

³⁸ SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

igualmente, alçando-os a um mesmo patamar metafísico. Os itens que são oferecidos aos pretos-velhos (cachaça e café) são também colocados para São Benedito.

De vez em quando eu ponho uma cachacinha, eu gosto muito de tratar de São Benedito. Porque na hora que eu to apertada na cozinha no meu emprego ele me socorre! Então eu dou cafezinho pra ele, porque ele também era cozinheiro. [...] Então às vezes quando eu to passando por dificuldade na cozinha, eu peço ajuda a ele! Peço ajuda àquelas negras que eram cozinheiras também, elas ajudam. Sabe? Pedindo com fé você recebe a graça! Porque tem hora que você fica meio, na casa dos outros, meio assim, sabe? Te pede uma coisa, você fica assim, meia... Aí eu peço ajuda: ai São Benedito, me ajuda! Que dá tudo certo, que dá tudo certo. Aí, menina, aquilo ajuda, aí no outro dia vou lá, renovo o cafezinho dele. Agradeço.³⁹

Essa aproximação entre São Benedito e os pretos-velhos não é rara. Os altares dedicados a essas entidades umbandistas contam, comumente, com uma imagem do santo negro. São vários os relatos acerca do santo, mas a maioria concorda que ele teria sido escravo ou descendente de escravos, tendo origens africanas. Ele teria vivido no sul da Itália e trabalhado como cozinheiro, auxiliando os pobres da cidade através do roubo de mantimentos do convento onde vivia. Todos esses elementos facilitam uma aproximação de São Benedito com os pretos-velhos, além de justificarem o pedido de auxílio de Rosilene nos momentos de dificuldades na cozinha dos patrões. Cabe ressaltar que, além da devoção a ele na umbanda, sua presença também é muito importante nos grupos de congada.

Essa força dos pretos-velhos dentro de uma matriz cristã transparece de maneira muito clara na fala de mãe Leila.

Eu acho que eles [*os pretos-velhos*] são um braço direito de Cristo aqui embaixo, porque acho que Jesus pôs eles pra ajudar, porque a missão pra Deus e Jesus é meio pesadinha sim, eu acho que Deus comanda tudo, é o rei do universo, mas eles deixam as entidades boas para ajudar, porque tá bem pesado. Muito que se grite ele, por isso que eles já mandam esses anjos bons...⁴⁰

Ainda no que diz respeito ao catolicismo, cabe mencionar outros diálogos estabelecidos com a congada – além da figura de alguns santos, como São Benedito e

³⁹ Entrevista concedida por Rosilene das Chagas em 10 de outubro de 2016.

⁴⁰ Entrevista concedida por Leila Rodrigues em 29 de julho de 2016.

Nossa Senhora do Rosário –, que também são muito intensos. Se no interior do Rio de Janeiro, por exemplo, as aproximações analisadas são sobretudo entre os pontos cantados na umbanda e os versos e desafios do jongo⁴¹ há, em São João del-Rei, um vasto campo a ser analisado a partir de comparações entre os pontos e os cantos da congada. Mãe Celina, grande apreciadora e apoiadora de manifestações culturais afro-brasileiras menciona:

Os congadeiros puxam um pouco também essa visão do preto-velho, né? Você vê, viu aquela festa com o seu Tadeu [*festa dos pretos-velhos em maio 2016, com a presença de um grupo de congada cujo capitão é o seu Tadeu*], que coisa mais linda! Assim, de emocionar a gente ver. [...] Ali nós todos estávamos muito felizes. Mas assim, porque tem essa interação, porque tem essa identificação. Porque tem essa coisa da raiz mesmo.⁴²

É interessante pontuar algo que foi mencionado nas entrevistas, mais especificamente naquelas de pessoas que frequentaram o terreiro do Pai Joaquim de Angola, em São João del-Rei, e que guarda relação com as congadas. Neste local, que teria sido um dos primeiros terreiros de São João del-Rei e que já não funciona mais, as giras dedicadas aos pretos-velhos eram muito afamadas. Essas giras, contudo, eram separadas em linhas, dentro da linha de pretos-velhos, conforme narrativa de mãe Leila.

Aí tinha a linha do Congo, a linha do Moçambique e tinha a linha Moçambique do Tibeba. Cada segunda [-feira] a linha era regida por preto-velho, mas cada segunda era um ritmo de trabalho. É, se ele abrisse hoje com a linha do Congo, aí podia até ter outros pretos-velhos de outras linhas, mas ele trabalhava dentro da linha do Congo. É o ritmo de trabalhar. Porque, igualzinho na linha de Tibeba já os pretos-velhos e nós médiuns já com roupa de preto-velho, era com chapéu de palha, um lencinho vermelho, entendeu? Então a linha do Pai Joaquim já era a roupa do atendimento que a gente fazia pra assistência. E a Moçambique também já tinha mudança, até nos tabaques, os rituais dos pontos já eram outros, então tinham as diferenças... E sempre ele fazia às vezes uma comida pros pretos-velhos, conforme cada linha era servido um pouco pra gente que é médium, que não é. É um alimento espiritual mesmo, um reforço.

Rosilene das Chagas, ogã no Pai Joaquim, salientou as diferenças nos toques entre as linhas:

⁴¹ MOREIRA, Carina Maria Guimarães. **Salve o rei do movimento**: a performance ritual do caboclo na umbanda de Barra do Pirai/RJ. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Rio de Janeiro, 2009.

⁴² Entrevista concedida por Celina Batalha em 2 de junho de 2016.

Essa Tibeba era mais Moçambique. Entendeu? Mais Moçambique. [...] Era outro ritmo de tabaque. Mais forte. Uma linha mais forte. E a de Congo é mais [...] fraca, mas no bom sentido, vamos dizer, que é mais fraca. Mais suave.

Essas variações nas roupas e nos toques remetem, ainda que não diretamente, aos grupos de congada, com seus toques e variações. Conforme mencionado por André Pereira, no documentário (En)Cantos do Congado⁴³, as construções musicais dos congados são muito próprias e particulares de cada grupo, embora seja possível detectar algumas características comuns. No caso dos Congos, a musicalidade seria mais expansiva, enquanto dos Moçambiques mais percussivos. O Congado e Moçambique de Piedade do Rio Grande também discorreu acerca desse tema durante roda de conversa no âmbito da XV Semana de História⁴⁴ na Universidade Federal de São João del-Rei. Romário, capitão do grupo, mencionou que o Congo seria mais alegre, embora mais lento e sereno, e representaria os sentimentos dos escravos ao chegarem ao Brasil; enquanto o Moçambique já teria uma batida mais forte e solta, apesar de triste, associada aos escravos que já estariam há mais tempo no Brasil.

Extrapolando um pouco essas aproximações com o catolicismo, encontramos duas outras situações, no mínimo, interessantes. A primeira delas diz respeito à figura de Buda e foi relatada por Gabriel Rufo. Ele é artista plástico e trabalha modelando imagens, sobretudo de Orixás e entidades umbandistas em ferro e cerâmica. Durante nossas conversas ele comentou que por influência da mãe, estudiosa de filosofias orientais, teria tido algum contato com o budismo.

Eu sempre modeliei muitos pretos-velhos no barro e sempre foi muito bom. Tem um vídeo que uma amiga gravou, que eu estou modelando o preto-velho, e aí eu vou falar do preto-velho, mas na verdade modelar um Buda. Já modeliei alguns Budas, e é engraçado, porque eu comecei a modelar o Buda e no final era um preto-velho! [...] Na verdade um Pai João, aí eu falo nesse vídeo, olha eu comecei modelando um Buda, e de repente o Buda virou um preto-velho! E aí eu já botei, mesmo ele estando modelado, eu já botei o cajadinho nele lá.⁴⁵

⁴³ (EN)CANTOS do Congado. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2016 (77 min.).

⁴⁴ A roda de conversa com os congadeiros de Piedade do Rio Grande foi um dos acontecimentos associados ao evento “Entraremos Nessa Casa: Cantos, Contos e Memória Congadeira”, realizado em 20 de set. de 2016.

⁴⁵ Entrevista concedida por Gabriel Rufo em 15 de setembro de 2016.

E a segunda refere-se a dois relatos extremamente significativos que aproximam os pretos-velhos dos Orixás. A relevância dessas narrativas é ampliada uma vez que ambas foram relatadas por candomblecistas, que cultuam os Orixás com muita devoção e respeito. O primeiro deles, feito também por Gabriel Rufo, coloca essas entidades como seres intermediários entre nós humanos encarnados e os Orixás. Os pretos-velhos atuariam como uma etapa no processo de evolução espiritual até que alcançássemos os últimos.

Teve uma vez que era criança, eu sempre tive um fascínio pelos totens. Até meu trabalho de universidade agora é falando sobre isso. Sobre os totens. E uma vez uma mãe-de-santo, [...] disse o seguinte: no pau grande sempre tem alguém acima. Até chegar em Oxalá. Então a corrente dos pretos-velho é uma energia, um fundamento que está aí. Trabalhando em vários lugares e tal. Então na maioria das vezes, como eles estão muito próximos da gente, eles são o primeiro passo pra você, eles estão acima de você, da sua cabeça, então eles te levam até os Orixás, eles te levam até coisas superiores e mais iluminadas, que a energia do Orixá é uma energia muito pura.⁴⁶

O segundo relato é ainda mais forte, uma vez que as energias derivadas dos pretos-velhos e dos Orixás são alçadas a um mesmo patamar de importância para a entrevistada Soraia Santos.

É engraçado, porque eu não, [...] tem gente que diferencia, claro que assim, tem que diferenciar, mas tem formas de energia tanto assim a parte de preto-velho, a parte de umbanda de um modo geral, como a parte de Orixá, me rege da mesma forma! Porque é aquilo que eu te falei, como preto-velho que me amparou quando eu não conhecia nada, e foi me amparando, amparando, me aconselhando, e eu fazendo tudo que tinha que fazer. E assim, eu não vejo distinção de energia, sabe? Claro que eu sei que orixá é que rege o *ori* da gente, mas o que transformou dentro de mim, eu não vejo distinção de energia, porque foi tudo muito forte, tanto assim que a explosão que teve dentro de mim, foi de uma forma só.⁴⁷

Para finalizar, cabe mencionar os trânsitos de pessoas de outras religiões nos terreiros pesquisados, não somente como consulentes esporádicos, mas como médiuns e filhos-da-casa que atuam de maneira profunda nos rituais. Na Associação Afro-brasileira Casa do Tesouro, o caso mais emblemático refere-se aos próprios grupos de congada que se apresentam durante as festas dedicadas aos pretos-velhos. Alguns desses grupos se

⁴⁶ Entrevista concedida por Gabriel Rufo em 15 de setembro de 2016.

⁴⁷ Entrevista concedida por Soraia Santos em 22 de setembro de 2016.

definem exclusivamente como católicos e optam, em alguns casos, por ocultar da população em geral essas visitas aos terreiros. Já no caso da Tenda Pai José do Congo, deparamo-nos com um padre de renomada paróquia de São João del-Rei que atua há anos nos rituais conduzidos por mãe Leila, auxiliando de maneira direta em desobsessões e curas. No momento em que o conhecemos, no princípio de 2017, ele havia deixado o sacerdócio para se casar, mas até então exercia atividades tanto na igreja católica quanto no terreiro.

Considerações finais

É relevante mencionar o impacto que o contato mais próximo com um preto-velho causou na vida dos entrevistados. É deveras emocionante ouvir os relatos narrados com tanto carinho e tanta fé, e sentir um pouco o que essas entidades representaram em suas trajetórias. Gabriel Rufo, que teve um contato muito intenso com os pretos-velhos desde sua infância, mencionou: “E o Chico Baiano é um preto-velho muito inteligente, que tem uma cultura, entende de muita coisa, e ele atendia as pessoas de uma forma muito bacana, com raciocínio lógico, uma coisa mágica assim.”⁴⁸

Marilene Pereira também busca no adjetivo “mágico” a melhor forma para descrever os pretos-velhos. “Tem nem como a gente descrever [*os pretos-velhos e as outras entidades da umbanda*], porque é tão... É mágico, né?”⁴⁹

Conforme mencionado por Chartier⁵⁰, “representações não são simples imagens, verídicas ou enganosas, de uma realidade que lhes fosse exterior. Elas possuem uma energia própria que convence de que o mundo, ou o passado, é realmente aquilo que dizem que é”. Sendo ou não verídico, havendo ou não o fenômeno da incorporação espiritual, a construção que é feita do personagem preto-velho não é, em nenhum momento, questionada por aqueles que se apropriam dela, reconhecendo-a como real. Esse “passado” é o que diz ser justamente em função dessa fé inabalável.

⁴⁸ Entrevista concedida por Gabriel Rufo em 15 de setembro de 2016.

⁴⁹ Entrevista concedida por Marilene Pereira em 10 de outubro de 2016.

⁵⁰ CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 24, n.º. 69, p. 7-30, mai.-ago. 2010, p. 6.

Almejou-se com a análise apresentada aqui, demonstrar como esse passado é diariamente reelaborado nos terreiros em São João del-Rei. São muitas as vozes que falam, gritam, clamam, sussurram e silenciam sobre essa história, atuando de maneira direta na recriação de uma memória coletiva da escravidão. E é imprescindível mencionar que o mais interessante, quiçá, tenha sido perceber como todo esse processo se desdobra. O ato de enxergar esses mortos com os ouvidos permitiu vislumbrar o transbordamento dessa memória no presente, uma vez que ela influi diretamente nas escolhas e ações dos entrevistados.

Por fim, cabe ressaltar que, ao longo da realização da pesquisa, buscamos deixar claro que um dos desdobramentos lógicos de um estudo baseado na história oral seria o encontro entre a palavra escrita e a falada, entre a redação das análises, a produção bibliográfica sobre o tema e as vozes dos terreiros. Em se tratando de estudar uma sociedade oral, em cujo seio a palavra falada carrega magia e encantamento, nada melhor que lançar mão da história oral. Para concluir, retiramo-nos do texto para dar, mais uma vez, voz àqueles com quem conversamos. O trecho a seguir resume de maneira singular as interpretações e os sentimentos narrados e analisados no decorrer da pesquisa.

Dos nego-velhos tenho vontade de falar muita coisa, e é difícil na real ter como dizer, porque sempre foi uma presença muito forte na minha vida, mas muito forte. Acho que eles foram que mostraram pra mim o quanto que a vida pode ser mágica e o quanto que a fé pode trazer leveza pra vida, e o quanto que resistir não é sinônimo de sofrer e de que até mesmo o sofrimento ou o que a gente, porque todo mundo tem problema na vida, a gente tem que enfrentar isso, como encarar o sofrimento com leveza, sabe? O nego-velho na minha vida ele marcou assim, dizendo que a vida é leve, apesar de tudo que a gente passa, apesar de tudo a vida é leve, porque é vida e por si só é sagrada.⁵¹

Referências bibliográficas

ABREU, Martha. “Outras histórias de Pai João: conflitos raciais, protesto escravo e irreverência sexual na poesia popular, 1880-1950”. *Afro-Ásia*, Salvador, nº 31, 2004, p. 235-276. Disponível em: <http://www.afroasia.ufba.br/pdf/31_11_outras.PDF>. Acesso em: 22 jun. 2016.

⁵¹ Entrevista concedida por Zilvan Lima em 28 de setembro de 2016.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1985.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**: depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil. Rio de Janeiro: Agir, 1951.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador; conversações com Jean Lebrun. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**, São Paulo, vol. 24, nº. 69, p. 7-30, mai.-ago. 2010.

(EN)CANTOS do Congado. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2016 (77 min.).

GIUMBELLI, Emerson. “Macumba surrealista”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 28, nº 55, p.87-107, jan.-jun. 2015. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0087.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

MAGALHÃES, Thamiris. Pluralismo, transformação, emergência do indivíduo e de suas escolhas. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, São Leopoldo, nº 400, ano XII, 27 ago. 2012. Disponível em:
<http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=4586&secao=400>. Acesso em: 30 ago. 2016.

MOREIRA, Carina Maria Guimarães. **Salve o rei do movimento**: a performance ritual do caboclo na umbanda de Barra do Pirá/RJ. 2009. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas, Rio de Janeiro, 2009.

NETO, Pasquale Cipro. 'É uma suruba isso aqui'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 fev. 2016. Colunistas. Disponível em:
<<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/pasquale/2016/02/1743066-e-uma-suruba-isso-aqui.shtml>>. Acesso em 2 dez. 2016.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**: umbanda e sociedade brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PRANDI, Reginaldo. Referências Sociais das Religiões Afro-Brasileiras: sincretismo, branqueamento, africanização. In: BACELAR, Jeferson *et* CAROSO, Carlos (Org.). **Faces da Tradição Afro-Brasileira**: Religiosidade, Sincretismo, Anti-Sincretismo, Reafricanização, Práticas Terapêuticas, Etnobotânica e Comida. Rio de Janeiro: Pallas, 1999.

RAMOS, Arthur. **O negro brasileiro**: ethographia religiosa e psychanalyse. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.

REZENDE, Livia Lima. **Força africana, força divina**: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos-velhos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São João del-Rei, Programa de Pós-graduação em História. São João del-Rei, 2017.

SANCHIS, Pierre. "Cultura brasileira e religião... Passado e atualidade..." **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 19, nº 2, 2008. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/11858>>. Acesso em 30 ago. 2016.

SILVA, Juliani Borchardt. **Benzimentos**: estudo sobre a prática em São Miguel das Missões / RS. Santo Ângelo: Furi, 2014.

SOUZA, Marina de Mello e. **Reis negros no Brasil escravista**: história da festa de coroação de rei Congo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOUZA, Mônica Dias de. **Pretos-velhos**: oráculos, crença e magia entre os cariocas. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.